REVISTA INTERDISCIPLINAR R I E T EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE

Mitã rekopayva: a origem da criança com deficiência na cosmovisão guarani e kaiowá

Mitã rekopayva: the origin of children with disabilities in Gurani and Kaiowá worldview

Mitã rekopayva: el origen de los niños con discapacidad en la cosmovisión guaraní y kaiowá

Elisangela Fernandes
Escola Municipal Indígena Pancho Romero- EMPR
Paranhos, Mato Grosso do Sul-MS, Brasil.
fernandeselisangela058@gmail.com
Orcid: 0009-0004-6610-4950

Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki
Faculdade Intercultural Indígena (Faind), Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.
Dourados, Mato Grosso do Sul-MS, Brasil
regianibio@gmail.com
Orcid: 0000-0002-4803-5806

Resumo: As famílias guaranis e kaiowás que têm crianças com deficiência física ou intelectual apresentam uma insegurança de deixarem seus filhos na escola. As escolas, por sua vez, têm apresentado dificuldades pedagógicas de recebê-las e contribuir para seu desenvolvimento emocional e intelectual através de práticas pedagógicas pautadas numa perspectiva intercultural, bilíngue, diferenciada e específica. Os desafios educacionais nesse campo são múltiplos, complexos e com alguns tabus. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa foi compreender a cosmovisão de famílias guaranis e kaiowás sobre a origem da criança com deficiência, pois compreendemos que essa ausência de saber tem se constituído como um hiato para elaboração efetiva de políticas públicas e de práticas pedagógicas que sejam capazes de atender as demandas pedagógicas das crianças com deficiência. Essa pesquisa foi desenvolvida na Terra Indígena de *Yvykuarusu* e *Takuaraty*, conhecida como Aldeia *Paraguassu,* Município de Paranhos, Mato Grosso do Sul, no segundo semestre de 2023. A pesquisa é qualitativa e de natureza exploratória. Os resultados apontam que a origem da criança com deficiência física ou intelectual na cosmovisão das famílias guarani e kaiowás ocorre devido à ausência do ritual de batismo, à realização de casamento entre pessoas com nível de parentesco muito próximos e pela desobediência do pai e da mãe com relação às regras a serem seguidas no período da gestação, parto, amamentação e alimentação da criança. Concluímos que na contemporaneidade é preciso compreender a origem da criança indígena com deficiência relacionada à necropolítica de estado, articulando a cosmovisão as atividades criminosas do agronegócio, à degradação ambiental e a violência territorial.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Mitã rekopayva: a origem da criança com deficiência na cosmovisão guarani e kaiowá

Palavras-chave: Criança com deficiência; Guarani e kaiowá; Interculturalidade

Abstract: Guarani and kaiowá families who have children with physical or intelectual disabilities are insecure about leaving their children at school. Schools, in turn, have presented pedagogical difficulties in receiving to their emotional and intelectual development through pedagogical practices based on na intercultural, bilingual, differentiated and specific perspective. The educational challenges in this field are multiple, complex and with some taboos. Therefore, the objective of this research was to understand the worldview of Guarani and kaiowá families regarding the origin of children with disabilities, as we understand that this lack of knowledge has constituted a problem for the elaboration of public policies and pedagogical practices that are capable of meeting the pedagogical demands of children with disabilities. This research was carried out in the indigenous Land of Yvykuarusu and Takuaraty, known as village Paraguassu, municipality of Paranhos, Mato Grosso do Sul, in the second half of 2023. The research is qualitative and exploratory in nature. The results indicate that the origin of children with disabilities in the worldview of Guarani and Kaiowás families coccurs due of the baptism ritual, marriage between people with very close kinship levels and the disobedience of the father and mother in relation to the rules to be followed during pregnancy, childbirth, breastfeeding and feeding the child. We conclude that in contemporary times it is necessary to understand the origin of indigenous children with the criminal activities of agribusiness, environmental degradation and territorial violence.

Keywords: Child with disability; Guarni and Kaiowá; Interculturality.

Resumen: Las famílias guaraníes y Kaiowá que tienen hijos com discapacidad se sienten inseguras a la hora de dejar a sus hijos en la escuela. Las escuelas, a su vez, han presentado dificultades pedagógicas para recibirlos y contribuir a su desarrollo emocional e intelectual a través de prácticas basadas en uma perspectiva intercultural, bilingüe, diferenciada y específica. Los desafios educativos em este campo son múltiples, complejos y com algunos tabúes. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación fue compreender la cosmovisión de las familias guaraníes y kaiowá sobre el origen de los niños con discapacidad, pues entendemos que este desconocimiento há constituído un problema para el desarrollo efectivo de políticas públicas y prácticas pedagógicas que sean capaces de atender las demandas pedagógicas de los niños com discapacidad. Esta investigación fue realizada en la tierra Indígena de Yvykuarusy y Takuaraty, conocida como Pueblo de Paraguassu, Municipio de Paranhos, Mato Grosso do Sul, en el segundo semestre de 2023. La investigación es de naturaliza cualitativa y exploratória. Los resultados indican que el origen de los niños con discapacidad em la cosmovisión de las familias guaraníes y kaiowá se da por la ausência del ritual del bautismo, el matrimonio entre personas com niveles de parentesco muy cercanos y la desobediência del padre y de la madre en relación a las reglas a seguir durante el embarazo, el parto, la lactancia y la alimentación del niño. Concluimos que en la época contemporánea es necessário comprender el origen de los niños indígenas con discapacidad relacionados con la necropolítica estatal, articulando la cosmovisión con las atividades criminales del agronegocio, la degradación ambiental y la violência territorial

Palabras Clave: Niños con discapacidades; Guaraní y kaiowá; Interculturalidad.

Data de recebimento: 02/03/2024
Data de aprovação: 15/12/2024

DOI: 10.30612/riet.v4i2.18103

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Introdução

O Estatuto da Pessoa com Deficiência (2019) considera uma pessoa com deficiência "aquela que apresenta um impedimento de longo prazo de natureza, física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas" (Brasil, 2019, p.9).

Apesar de termos um Estatuto onde se defini o que é uma pessoa com deficiência, é importante registrar que essa definição é uma construção social, e que outros povos podem ter outras compreensões, portanto, definições/compreensões que podem vir a destoar da Lei n. 13.146/2015 que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Feito esse adendo, iniciamos a abordagem da nossa pesquisa tomando nota do quanto é complexo abordar a deficiência humana com os povos guarani e kaiowá. Isso ocorre porque há uma cosmovisão sobre essa temática que não tem sido inserida nos debates para construção e implementação de políticas públicas na saúde e educação para povos específicos.

O termo "pessoa com deficiência" não é um elemento dado naturalmente, mas uma construção histórica, social e política. O conceito de deficiência é móvel e seguida por rupturas e novas elaborações, pois sua construção abrange a subjetividade em contextos socioculturais e políticos de cada época.

Sabemos que por muitos anos as pessoas com deficiência eram retiradas do convívio com a sociedade. Elas eram excluídas e segregadas, e que não havia nenhuma política pública que pudesse atender suas necessidades e direito a diversidade. Ainda há muitos preconceitos sobre as pessoas com deficiência e uma pluralidade de cosmovisões sobre sua origem. Muitos dos conceitos inadequados sobre as pessoas com deficiência emergiam equivocadamente das instituições médicas e também religiosas.

Precisamos compreender que a construção histórica do conceito "deficiência" caminhou por muitas áreas do conhecimento e foi ganhando novos contornos discursivos. Pois sabemos que a construção de uma ideia, de um conceito, envolve a subjetividade de uma época.

A "Conferência Mundial sobre Educação para Todos", que foi realizada em 1990 e a "Declaração de Salamanca", publicadas em 1994, fortaleceram e promoveram o movimento da inclusão das pessoas com deficiência em vários setores da sociedade. Para

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Moreira (2016) esses dois eventos foram importantes porque discorreram sobre a universalização do acesso à escola, onde se abordou o direito de uma pessoa com deficiência ter acesso à educação formal, impulsionando assim, a elaboração de políticas públicas de educação inclusiva no Brasil.

Moreira (2016) menciona que foi no governo do Presidente Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que nos anos de 2003- 2006 e 2007-2010 que políticas públicas foram implementadas no Brasil.

> O ex-Presidente Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, (2003- 2006; 2007-2010), passou a implantar desde 2003 uma política denominada de - Educação Inclusiva - com a constituição de um conjunto de programas e ações federais. No ano de 2008, sancionou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, PNE-EI de 2008, com o desafio político de fomentar e construir – sistemas educacionais inclusivos. Foi com foco nesta política pública que desenvolvemos esta pesquisa que teve como objetivo compreender o reflexo da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, através da implementação de três programas federais, estratégicos para a educação especial, a saber: 1 Educação Inclusiva: Direito a Diversidade (SEESP/MEC, 2003); 2. Salas de Recursos Multifuncionais (SEESP/MEC, 2005); 3. Escola Acessível (SEESP/MEC, 2007); realizados pela parceria entre o Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, MEC/SEESP, e a Superintendência da Área da Educação Especial, SAEE, da Secretaria Municipal de Educação, do município de São Luís, Semed/SLs, no período de 2009 a 2012. (Moreira, 2016, p.7)

Certamente que as políticas públicas implementadas no Brasil são importantes, mas ainda há um longo percurso a percorrer com relação a sua execução na Educação Escolar Indígena. Pois, no Estado de Mato Grosso do Sul a formação continuada, que é organizada para os professores indígenas, não tem ocorrido na perspectiva intercultural, pois a formação é a mesma aos docentes que lecionam em escolas não indígenas (Coelho, 2011).

Bruno e Coelho (2016) argumentam que é importante o diálogo intercultural de natureza híbrida para que ocorra o desenvolvimento linguístico, a promoção da aprendizagem e a inclusão de alunos surdos.

Não é objetivo desse artigo abordar e analisar as políticas públicas e práticas pedagógicas para o ensino de crianças e adolescentes com deficiência, mas compreendemos ser importante chamarmos a atenção para a importância de uma abordagem intercultural no processo educativo desses estudantes. Nessa pesquisa, o nosso objetivo é compreender e apresentar a origem da deficiência humana na cosmovisão de duas famílias guarani e kaiowá

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

das Terras Indígenas *Yvykuarusu* e *Takuaraty*, popularmente conhecida por Aldeia Paraguasu.

Optamos por assim desenvolver a pesquisa, porque compreendemos que antes de atuarmos pedagogicamente na educação escolar indígena para subsidiar processos de ensino e construção de materiais pedagógicos, é importante entender primeiro as ideias oriundas da ancestralidade sobre a origem de pessoas com deficiência para os povos indígenas, para que determinadas propostas pedagógicas não entre nas escolas das aldeias como uma invasão cultural.

Assim, abordagem desse tema junto aos povos indígenas é complexa, e podemos compreender melhor essa dimensão no relato de uma pesquisa desenvolvida por Vânia Pereira da Silva Souza, que buscou compreender como era a infância de uma criança com deficiência nas reservas indígenas de Dourados-MS. A pesquisadora entrevistou três antropólogos e pesquisadores da temática indígena que conviveram por anos com guaranis e kaiowás, e os mesmos narraram que pouco sabiam dessas crianças, pois eram guardadas dentro de suas casas, não as viam e nem falavam sobre elas. Mas isso também não significa, que eram abandonadas e pouco cuidadas por suas famílias. O que havia era um silêncio sobre esse assunto.

Um silêncio que precisa ser escutado especialmente por profissionais da saúde e da educação, para que essas crianças e adolescentes com deficiência e suas famílias possam ser assistidas por políticas de estado numa abordagem intercultural, bilingue, diferenciada e específica.

Seguiremos a construção desse texto apresentando a metodologia da pesquisa, em seguida iremos explanar os resultados e as discussões relacionadas a cosmovisão sobre o objeto de estudo, e as considerações finais.

Caminho metodológico

A metodologia de pesquisa abordada neste trabalho é de natureza qualitativa na área da educação. Assim, procuramos obter uma compreensão sobre a cosmovisão guarani e kaiowá referente à origem de pessoas com deficiência física ou intelectual por meio de diálogos com as famílias dessas crianças. Através dessa abordagem buscamos atribuir qualidade e à profundidade das informações, não quantificando e nem generalizando os resultados da pesquisa (Bogdan e Biklen, 1991).

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Dentro da perspectiva da pesquisa de natureza qualitativa, a mesma foi desenvolvida dentro da abordagem da pesquisa exploratória, pois buscamos conhecer a maneira de agir, sentir e pensar de um grupo diante do contexto em que estão inseridos na comunidade. Na pesquisa exploratório realizamos entrevistas em profundidade e não-dirigidas, procuramos dialogar com o entrevistado dentro de um campo descontraído, em que se propicia o máximo de liberdade de expressão. A pesquisa durou três meses.

> Esse tipo de entrevista tem por finalidade obter o máximo de informações que o indivíduo entrevistado possa oferecer. Nesta fase, costuma- se usar um roteiro para as entrevistas, contendo apenas tópicos sobre os quais se pretende conversar. A entrevista em profundidade não dirigida é de difícil realização, requerendo experiência do pesquisador porque, além da habilidade de fazer o respondente falar livremente e de dar informações, deve evitar induzi-lo a manifestar ideias que não são as suas. (...) Deve, também, reavaliar continuamente o que é importante e o que não é importante, tendo em vista o tema da pesquisa. As entrevistas em profundidade e não dirigidas podem ser realizadas com um só respondente ou em grupos de 3 a 6 respondentes. (Piovesan e Temporini, 1999, p.322)

A pesquisa foi realizada no período de agosto a dezembro do ano de 2023, nas Terras Indígenas *Yvykuarusu* e *Takuaraty*, popularmente conhecida por Aldeia Paraguasu, que se localizada a 40 km do município de Paranhos, MS. O Yvykuarusu e o Takuaraty são dois tekohás – território que foi homologado e demarcado como Área Indígena pelo Decreto de 1º de outubro de 1993. O decreto indica o nome oficial da área como sendo Takuaraty-Yvykuarusu com 2.609,0940 (dois mil seiscentos e nove hectares, nove ares e quarenta centiares).

Essa pesquisa foi construída para ser desenvolvida em quatro momentos: Primeiro momento: Estudo e elaboração de um roteiro de entrevista semi-estrutura sobre a origem da pessoa com deficiência para os povos guarani e kaiowá na compreensão das famílias dessas crianças; Segundo momento: 1. Mapeamento de famílias guarani e kaiowá com crianças e adolescentes com deficiência física ou intelectual que não frequentam a escola e 2. Disponibilidade e aceitação em receber a professora entrevistadora em suas residências; Terceiro momento: foram 3 encontros com as famílias que tem crianças com deficiência física e/ou intelectual. Os encontros foram individuais, ou seja, a professora dialogou com cada família separadamente. As conversas correram na língua guarani, sem interrupção da entrevistadora. Depois que o diálogo era concluído com as famílias, a pesquisadora fazia um resumo dos principais pontos abordados na conversa com a família. Todas as anotações

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

foram na língua materna da pesquisa. Depois, esses diálogos foram codificados para a língua portuguesa, o que caracterizou o próximo momento da pesquisa; quarto momento; leitura do diário de campo codificado na língua portuguesa e a construção de um texto corrido sobre a cosmovisão de duas famílias sobre o tema investigado.

Por se tratar de uma temática sensível adotaremos a identificação de letras maiúsculas do alfabeto brasileiro, como: família A e família B.

Para melhor compreensão dos dados, organizamos a apresentação dos dados da pesquisa num texto corrido e com agrupamentos da cosmovisão apresentadas pelas famílias A e B, uma vez que as mesmas não apresentaram nenhuma divergência sobre o que é e a origem da pessoa com deficiência física e/ou intelectual.

Resultado e discussão

Qual é a origem da criança com deficiência na cosmovisão guarani e kaiowá.

Antes de descrevermos o que a pesquisa nos possibilitou ter acesso nessa temática é importante registrarmos que não é objetivo desta pesquisa homogeneizarmos as compreensões sobre o que é e nem mesmo origem de uma criança com deficiência para os povos guarani e kaiowá, pois esses saberes apresentam outros relevos e texturas em cada tekohá. Além do mais, deficiência é um conceito móvel que está em constante transformação. Para Holanda, Albuquerque e Yamada (2019) o conceito de deficiência transita por muitas áreas atualmente, logo, não é algo mais editado pelo sistema biomédico, pois a ideia de deficiência atravessa percepções subjetivas e coletivas de pessoas com deficiência, além de reflexões plurais sobre seus impactos, possibilidades e novas demandas sociais e políticas.

> Desde a década de 1960, a deficiência deixou de se limitar pelas abordagens estritamente biomédicas – que a caracterizam como doença ou lesão que impõe restrições à vida social de uma pessoa – e passou a ser pensada e politizada pelo modelo social da deficiência; pessoas deficientes não são apenas corpos com lesão, mas antes, vidas que denunciam a estrutura social que oprime e viola direitos. (Holanda, Albuquerque e Yamada, 2019, p.2)

Para Diniz (2007) a deficiência é um fenômeno sociocultural. E é com esse olhar sociocultural que apresentaremos o que é e sobre a origem da criança com deficiência na cosmovisão guarani e kaiowá. Procuramos a compreensão sobre o tema na ancestralidade

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

das vozes de duas famílias que têm crianças com deficiência que não frequentam a escola. Dito isso, seguiremos com o desenvolvimento do artigo.

De acordo com as duas famílias A e B a vida indígena inicia na gravidez no sentido de que cada passo tem processos e crenças que existem para serem praticadas pelo pai e pela mãe, pois são essas práticas que irão zelar pela saúde física e mental da criança. Pontuam que quando uma mulher está grávida o seu caminhar pelo mundo se torna mais cauteloso, pois nem tudo ela pode tocar, olhar, cheirar, ouvir e comer. Para Meliá, Grumberg e Grumberg (1976) da gravidez até o parto a mulher precisa tomar alguns cuidados.

> Os preparativos para assegurar a vida e a alma dessa criança começam já durante gravidez. A mulher nesse momento deve se abster de todos os alimentos pesados (alimentos ricos em gordura, óleo, sal e etc) e não deve comer a carne de um grande número de animais selvagens porque se considera que o consumo pode ter uma influência negativa na alma em crescimento. (Meliá, Grunberg e Grunberg, 1976, p.151)

Quanto a orientação quanto a alimentação, as famílias A e B narraram que uma mulher grávida não pode ingerir muito um determinado peixe que é conhecido pelo nome de "traíra", porque a mãe dessa criança poderá desenvolver um filho que terá o hábito de morder os colegas e também na amamentação a criança morder até mesmo os seios da mãe.

Outros sentidos que precisam de cuidados é a audição. Uma gestante também não pode ouvir cantos de pássaros noturnos. Existe um pássaro específico que é chamado de (*chuinda*). Se a gestante ouvir o *chuinda* cantar a criança poderá vir com o coração maldoso ou com o corpo modificado (*ayvu vai*). Caso a gestante ouça esse canto é necessário imediatamente fazer o *jehovasa*.

O tato também é algo importante para cuidar no período da gestação. Na gravidez, a mulher não pode ficar tocando muito em gatos, pois essa ação faz com que a criança chore muito no período noturno. Yamazaki (2017) também relata que a gestante não pode tocar no coró ou bicho-do-coco, que é a larva do besouro *Pachymerus nucleorum*, uma das espécies da família dos bruquídeos.

> "[Na gestação] mulher não pode se deparar com coró, senão pode dar complicação no parto, deformação no feto. Coró é mole e atrapalha formação da coluna vertebral, causando uma anomalia". (Yamazaki, 2017, p.199)

As famílias A e B também pontuaram a importância da gestante manter a calma para que não possa assim falar coisas ruins, pois palavras ruins podem afetar as características de

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

de seus filhos e suas filhas. E reforçaram que todas essas orientações precisam ser seguidas conforme a orientação e os costumes guarani e kaiowá. Desta forma, é importante obedecer às regras, pois a desobediência recairá sobre a saúde de seus descendentes.

As famílias A e B comentam sobre a importância do batismo e discorreram que a mulher ao dar à luz, os cuidados com a criança continuam e um deles é a realização do batismo. O batismo é para assentar a alma que veio para se adaptar aqui na terra, para que assim, a criança possa crescer com alegria e saúde.

> Assegurar o crescimento de sua alma é a maior preocupação de seus pais durante o primeiro ano de vida da criança. Neste período tanto os pais quanto seu filho estão em estado de *jekoaku* (fase de reclusão) especialmente nos primeiros dias depois do parto em que a mãe não pode sair de casa, exceto de manhã cedo ou ao anoitecer, mas nunca sozinha. Durante o período do *Jekoaku* os pais têm que seguir um regime de comida semelhante à dieta da mulher grávida e tem de abster-se de todo trabalho forçado (como construir casas, caçar com armas de fogo, arco e flecha, mas pode armar armadilhas e pescar. (Meliá, Grunberg e Grunberg, 1976, p. 252)

Outro tópico que emergiu nas falas das famílias A e B foi a importância da amamentação e o ato de desmamar essa criança. Mencionaram que desmamar é um processo que precisa de cuidados, porque a criança não pode ficar magoada e nem ressentida com o desmame. Se a mãe desmamar bem sua filha, a mesma irá se identificar com os afazeres da mulher na cultura guarani e kaiowá, e o mesmo ocorrerá com seu filho em relação a figura paterna. O mesmo irá se identificar com as atividades do homem na cultura guarani e kaiowá. Os filhos e as filhas também irão participar das rezas, dos cantos, dos rituais, praticando as crenças e o momentos culturais.

Meliá, Grunberg e Grunberg (1976) alertam sobre o período da amamentação, relatando que pode chegar até dois anos de idade da criança ou mais.

> Durante esse período a criança está quase sempre acompanhada de sua mãe, por seu pai ou parentes, a criança nunca é deixada sozinha em casa, nem mesmo quando dorme. Durante o dia a criança dorme geralmente nos braços da mãe, durante a noite dorme numa rede próximo a cama dos pais ou na mesma cama. Da criança não se exige nada. Mama quando quer, recebe o máximo de atenção e nunca o abandona gritando, sem tentar acalmá-la com carícias. (Meliá, Grunberg e Grunberg, 1976, p. 252)

Os mesmos autores também discorrem que o desenvolvimento da alma só era considerado completo quando a criança pronunciasse suas primeiras palavras. Para Peralta (2022):

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

> (...) o pensamento Kaiowá quando diz que a palavra (*nẽ'ẽ ayvu*) é o centro e a origem de tudo, ela é o germe de vida, a "substância divina" de *Ñanderu* (Nosso Pai), da qual procedem as pessoas. Quando a criança começa a falar significa que se manifestou nela o espírito, ou seja, a vida para a plenitude, nossa essência, nosso ser verdadeiro. (Peralta, 2022, p.36)

Era nesse momento que o *nanderu* ou *nandesy* (rezador ou rezadora) poderiam descobrir o seu nome religioso, ou seja, "nome que lhe foi dado antes de ser enviando para ocupar seu assento (*oñapykano*) no corpo de sua futura mãe"(Meliá, Grunberg e Grunberg, 1976, p. 252). Assim, diante de todos esses cuidados, o espírito do mal se afasta, o mau olhar (*ma'ẽtirõ*) se afasta.

Tanto a alimentação quanto o ato de engatinhar são momentos de cuidados com o bebê, segundo as famílias A e B. Um bebê, na fase de seu desenvolvimento, não poderá tocar em gatos, em cachorros e nem em papagaios porque esses animais podem provocar grande atraso no desenvolvimento da fala e do caminhar das crianças. Elas podem também ultrapassar o tempo aguardado para esse desenvolvimento que é conhecido como *ijapa*.

Quando esses atrasos no desenvolvimento motor ou intelectual estão em curso, há saberes ancestrais para possibilitar o desenvolvimento da criança, mas existem casos que são irreversíveis porque são resultados da desobediência de seu pai e sua mãe.

As famílias A e B seguem descrevendo mais cuidados para que a criança não tenha uma deficiência. Elas discorrem que a partir dos seis anos de idade os cuidados com a alimentação se torna importante, pois dependendo o que a criança irá ingerir, ela poderá ser ou não obediente aos costumes e as tradições guarani e kaiowá.

Desta forma, uma criança não pode ingerir carne de boi, carne suína e nem carne de tatu. Para que elas possam ingerir esses tipos de carnes, antes é preciso que o pedaço que ela irá se alimentar, seja benzido por alguém que saiba fazer a reza.

Determinadas dietas alimentares são percebidas como formadoras de temperamento, personalidade. Pesquisa realizada por Yamazaki (2017) nas reservas indígenas de Dourados levantou a compreensão, de uma profissional da saúde, de que certos alimentos não podem ser ingeridos pelas crianças, nem meninos e nem meninas, porque elas poderão apresentar, pela transferência de caracteres, comportamentos que condizem com o comportamento do animal que elas ingeriram.

> (...) se meninos se alimentassem de enguias, seriam futuramente, tal como as enguias, meninos moles (...) "Meninos não podem comer ou coração de galinha ou moela de galinha (...) porque tira a força dos meninos... só as meninas podem comer". (Yamazaki, 2017, p.200)

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Os cuidados com a dieta alimentar são geralmente acompanhados pelos avós das crianças, pois já estão preparando-as para a adolescência (*karia'y há Kuñataí*). Esse cuidado segue até o momento de se casar, e qualquer descuido ou desobediente, os mesmos sofrerão as consequências, que por sua vez, são bastante severas podendo trazer resultados futuros irreversíveis para o futuro. É por isso que a maioria das crianças e adolescentes, segundo as famílias A e B, obedecem às recomendações de seus avós e avôs

Mas para além de seguir as tradições para que nenhum castigo recaia lá no futuro de em seus descendentes, é importante explicitarmos que antigamente se seguiam os costumes e as tradições porque todos os recursos naturais necessários para a realização de rituais e outros cuidados eram disponíveis. Hoje, diante da destruição do *tekohás* promovida pelas atividades criminosas do agronegócio, impossibilitou muitas famílias que executaram o que a ancestralidade realizou a vida toda.

Antigamente havia uma DIVERSIDADE de plantas e de animais, bem como regras para caçá-los e também ingeri-los, mas hoje muitos desses seres vivos desapareceram ou estão desaparecendo diante da monocultura da soja, do milho e da cana-de-açúcar, do aquecimento global, do desmatamento, do genocídio dos povos indígenas, da demonização de certas crenças e práticas da "religiosidade" guarani e kaiowá, do racismo institucional e dos assédios midiáticos para que se consumam cada vez mais produtos industrializados - ricos em sódio, gorduras trans e com altas doses de agrotóxicos.

Analisando o diário de campo, onde estão os registros das conversas da entrevistadora guarani e kaiowá com as famílias A e B, um questionamento acabou permeando a entrevista: Diante de tantos atravessamentos culturais, como podemos ser obedientes as práticas da nossa ancestralidade para que tenhamos crianças sem deficiência, se não há terra para plantar, rios para pescar e nem uma fauna e flora diversa para seguirmos com rituais de reza, canto e danço e de remédios tradicionais para produção de corpos e mentes saudáveis?

A origem da criança indígena com deficiência e uma possível relação com as atividades criminosas do agronegócio nos tekohás

Nos diálogos com as Famílias A e B é notável a importância do *tekohá*, de seu bioma, para que casais possam se cuidar através dos rituais, para assim, terem filhos sem deficiência. De acordo a pesquisadora indígena, Sônia Pavão (2021):

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

> Os Guarani e Kaiowá são conhecidos historicamente como povo da mata (*ka'agu ygua ou ka'aygua ygua* = os da mata, de forma que o próprio nome dos Kaiowá surge dessa denominação), pelo fato de escolherem preferencialmente para a localização de suas aldeias áreas de mata. Assim, no decorrer de suas histórias, esses povos ocuparam um amplo espaço, de acordo com a disponibilidade de locais com riquezas naturais consideradas apropriadas. Desta forma, preferiam estabelecer suas aldeias em áreas próximas a cursos de água e à mata (Pavão, 2021, p.27).

Diante das colocações de Pavão (2021) questionarmos até que ponto a destruição do tekohá pelas atividades criminosas do agronegócio na região cone sul do Estado está relacionada com o aumento de nascimento de crianças com deficiência (física ou intelectual). As famílias A e B alegam que existem mais crianças com deficiência nas terras indígenas hoje do que antigamente. Sobre esse assunto Souza (2011) discorre:

> O olhar dos pesquisadores da temática indígena revela que o assunto da deficiência é novo nesse meio, e ainda não foi estudada por eles. Nunca tinham pensado sobre essa questão. Meliá apontou que não havia ainda percebido crianças com deficiência nas aldeias do Paraguai, mas que elas poderiam estar lá de certo modo "ocultas" ao visitante. Brigdman falou que acontecia o infanticídio com a criança com deficiência severa e também com aquelas cujo pai pensava que o filho que a esposa esperava não era dele. Taylor afirmou ter visto pessoas com má-formação, deficientes físicos, talvez surdos (pois não falavam), dentre outras deficiências. (Souza, 2011, p.125)

Em todo caso, as famílias relataram que o crescimento do número de crianças com deficiência tem ocorrido devido à realização de casamento entre pessoas com nível de parentesco muito próximo, a ausência de rituais de batismo da criança e a desobediência do pai e da mãe com relação às regras a serem seguidas no período da gestação, parto, amamentação e dieta alimentar.

As famílias A e B relataram que antigamente quando os rapazes estavam a procura de um moça para construir uma família, eles saiam de seus *tekohás* e caminhavam por muitos quilômetros até outro tekohá para que pudessem se envolver amorosamente com uma moça que não fosse de sua região. Havia uma distância significativa sobre os dois *tekohás* do futuro casal. Desta forma evitavam casamentos com parentes muito próximos. As famílias relataram que casais com o mesmo sangue ou sangue muito próximo não era bom, porque nasciam crianças com deficiência (*imemguã*).

Essa colocação das famílias A e B está afinada com as pesquisas científicas sobre o tema, porque no Brasil os filhos de casamento entre primos têm 4, 16 vezes mais risco de nascer com doenças genéticas raras do que os de casamento entre não parentes. Entre as

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

doenças genéticas mais frequentes associadas a casamentos entre primos são: Síndrome de Raine, Síndrome de Kindler, Picnodisostose, Fenda labial com ou sem fissura palatina, Ataxia de Friedreich, Homocistinúria clássica, Deficiência da frutose-1,6-bifosfatase, Sindrome de Spoan, Distrofia muscular de cintura escapular tipo 2B, Hiperfenilalaninemia, Mucopolissacaridose tipo VI, hiperlipoproteinemia, Glaucoma congênito primário e Deficiência combinada de hormônios da hipófise (Reis, *et al,* 2023).

Mas essa dinâmica de percorrer distâncias para que não ocorressem casamentos entre primos foi violentamente alterada quando os guaranis e kaiowás tiveram seus *tekohás* invadidos pelas atividades criminosas do agronegócio. Essa invasão de terras indígenas, com a conivência irrestrita do Estado, promoveu um deslocamento obrigatório ao confinamento dos guaranis e kaiowás em reservas indígenas cercadas pela monocultura da soja, do algodão, da cana-de-açuçar e do milho.

> organiza-se em monoculturas com uso de grandes extensões de terra, recebendo apoio, isenções e incentivos de governos e aparatos do Estado, além de desmatar florestas, faz uso de modernas máquinas agrícolas com intensa utilização de fertilizantes químicos, agrotóxicos e sementes transgênicas, aumentando a exposição aos riscos e, consequentemente, produzindo severos danos ao ambiente e à saúde física e mental dos trabalhadores e populações. (Pignati, et al, 2022, p.468)

Sabemos que o agronegócio é responsável por promover e acelerar uma crise ecológica, sanitária e humanitária gravíssima no planeta terra. O agronegócio promoveu processos violentos de expropriação da terra, exploração de recursos naturais e da força do trabalhador(a), produzindo desigualdades quanto ao acesso ao direito básica da vida, acesso à água. O agronegócio tem promovido forte desrespeito às tradições e culturas dos povos indígenas, quilombolas, camponeses, assentados da Reforma Agrária (Pignati, et al, 2022).

Para além da violência simbólica, há também a violência territorial representada pela monocultura da soja, da cana-de-açucar e do milho e os agrotóxicos utilizados nessas lavouras que tem provocado a contaminação da água, do solo e do ar por metais pesados. Nessa direção, é importante pontuarmos que as causas de deficiência intelectual são heterogêneas, ou seja, podem ser de fatores genéticos, mas podem ser provocados por fatores ambientais como: desnutrição durante a gravidez, neurotoxicidade ambiental, nascimento prematuro, isquemia cerebral perinatal, síndrome do álcool fetal, infecções pré, peri, pós natais (Abreu, 2010).

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

A neurotoxicidade ambiental pode ser provocada pelos agrotóxicos que estão sendo chamados atualmente de defensores agrícolas. Assim, os agrotóxicos:

> causam doenças agudas de intoxicações leves e graves e que podem levar a óbito (gastrointestinais, dérmicos, hepáticos, renais, neurológicos, pulmonares e déficit imunológico) e a doenças crônicas, como cânceres infantojuvenis, alterações do sistema reprodutor, neuropatias (surdez, diminuição da força muscular, paralisias e doença de Parkinson), psiquiátricos (depressão, distúrbios cognitivos, autismo), desreguladores endócrinos (diabetes, hipotiroidismo, infertilidade, abortos), teratogênicos (anencefalia, malformações), mutagênicos (defeitos no DNA), carcinogênicos (mama, ovário, próstata, testículo, esôfago etc.) e imunodepressores. (Pignati, et al, 2022, p.473)

Registrar a violência territorial que os povos indígenas vêm sofrendo em seus tekohás é fundamental para compreendermos o impacto quando vamos discorrer sobre o nascimento de uma criança com deficiência.

Atualmente, muitas mulheres guaranis e kaiowás deixam seus tekohás para trabalharem na lavoura de maças. Os homens também se vêm obrigados a deixarem seus tekohas para buscarem sustento nas lavouras de monocultura do agronegócio. E assim, os elos afetivos vão diluindo em detrimento da invasão de terras indígenas, exploração do trabalho e o enfraquecimento dos vínculos familiares. A configuração familiar se alterou diante de propostas políticas neoliberais.

O neoliberalismo é responsável por promover da intolerância religiosa, o racismo institucional, o preconceito linguístico, a destruição da diversidade fauna e flora afetando o modo de existir guarani e kaiowá através da reza, canto, dança, comida e remédios tradicionais. De acordo com a pesquisadora indígena Sônia Pavão:

> (...) o conhecimento tradicional dos povos Guarani e Kaiowá se constrói a partir de saberes e fazeres sistêmicos, holísticos integrados de forma intrínseca com o mundo natural e o mundo espiritual havendo, por parte desses povos, um profundo conhecimento a respeito da biodiversidade local. Vale apontar que a escolha da região para construção das aldeias seguia três critérios fundamentais: terras de mata, proximidade a rios e córregos e terras boas para agricultura. (Pavão, 2021, p.20)

Assim, é possível compreender que não existe a separação entre os seres humanos e a natureza. A natureza somos nós. Sendo assim, é necessário cuidarmos e respeitarmos o que estamos chamando de natureza, pois como estamos interligados e um impacto negativo na natureza também irá refletir em nós.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Salientamos que não é nosso objetivo discutirmos a construção conceitual do que é ou não deficiência humana, pois sabemos que esta é uma construção social e o que pode ser interpretado por um não indígena como deficiente, pode não ser para um guarani e kaiowá. O que desejamos afirmar é que o corpo e a mente estão ligados a DIVERSIDADE da flora e da fauna. A diversidade da fauna e da flora no tekohá produz a diversidade de conhecimentos e práticas guarani e kaiowá. O tekohá é um lugar onde nascemos e construímos nossa identidade, e também é o lugar em que iremos repousar eternamente. O tekohá é o chão sagrado dos povos indígenas.

No entanto, a destruição desse território pelas atividades do agronegócio tem gerado dificuldade de coleta de matéria-prima e também das relações humanas, pois a natureza não está mais em condições adequada para viver do *nhandereko* (*nhande* - nosso, *reko*- viver). A força espiritual que protegia a vida no tekohá fica enfraquecida diante da destruição do território. Sem *tekohá* não há *teko* (cultura), nem *ñee* (língua). Um *tekohá* saudável produz relações sociais saudáveis e corpos e mentes saudáveis.

A diversidade da fauna e da flora são importantes para que os guaranis e kaiowás possam manter viva a língua materna, os saberes e práticas ancestrais tão importantes para se organizarem socialmente e ritualisticamente. Sem as práticas ritualísticas o corpo e o espírito se modificam e os filhos nascem doentes, sem caminho para seguirem e fazerem o bem para si e para o coletivo. E fundamental que professores e profissionais da saúde, que atuam em terras indígenas, compreendam a história de violência do Estado contra os povos guarani e kaiowá, pois:

> Quem cresceu debaixo de telha, não compreende como existir sob lona, sol e sapé nos quarenta graus. Quem nasceu com terra e não vivenciou o despejo e as marcas de expropriações, inclusive subjetivas, não consegue gestar políticas de existência que cuidem como o Saber Popular. (Rodrigues e Yamazaki, 2024, p.9)

Considerações finais

Muitas famílias apresentam a compreensão de que seus filhos e/ou filhas com deficiência é uma punição de uma desobediência cometida no passado, assim, quando nasce uma criança com alguma deficiência as famílias acabam escondendo-a da comunidade. E a consequência disso é que essa criança é excluída da convivência e interação com a sociedade.

Compreendemos que uma discussão mais politizada é necessária para a sociedade como um todo, mas especialmente para os profissionais da saúde e da educação por serem

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

mais próximos das crianças e adolescentes com deficiência física e/ou intelectual no contexto em que estamos abordando a temática. Profissionais da educação e da saúde que atuam nas aldeias, reservas e áreas de retomada precisam ter um olhar mais politizado sobre a origem da criança com deficiência física e/ou intelectual nas terras indígenas guarani e kaiowá para que compreendam que a violência territorial fomenta destruição física, intelectual e histórica do modo de existir de um povo.

Agradecimentos

Às famílias que aceitaram contribuir com a pesquisa, a Universidade Pública e ao Programa Bolsa Permanência.

Referências

ABREU, Ludmila Serafim de. **Estudo citogenético de indivíduos afetados por deficiência mental em três APAEs da região de Ribeirão Preto**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17135/tde-22042013-162950/ Acesso em: 29 de fevereiro, 2024.

BELATO, Janaina de Jesus Fernandes. Os serviços de Apoio da Educação Especial no processo de inclusão escolar realizados pelo centro estadual de Educação Especial e Inclusiva CEESPI. In **Educação Especial em Mato Grosso do Sul: caminhos e práticas**. Org. Bytendorp, A. A. B. M; Meneses, S. Q.; Braga, P.G. Campo Grande, MS; SED, 2019. Disponível em <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Educa%C3%A7%C3%A3o-Especial-em-MS-Caminhos-e-Pr%C3%A1ticas.pdf > Acesso em 09-02-2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência – 3ªed. – Brasília: Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Disponível em < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf > Acesso em 09=01-2024.

COELHO, Luciana Lopes. A Constituição do Sujeito Surdo na Cultura Guarani- -Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; COELHO, Luciana Lopes. Discursos e Práticas na Inclusão de Índios Surdos em Escolas Diferenciadas Indígenas. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.41, n.3, 2016. Disponível em < https://www.scielo.br/j/edreal/a/qHtPZV5tBV4g65yjyVFXgpR/?format=pdf&lang=pt >

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

Acesso em 02 de fev. de 2024.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

HOLANDA, Marianna Assunção Figueiredo; ALBUQUERQUE, Fernando Pessoa de; YAMADA, Érica Magami. Crianças indígenas com deficiência e a violação dos direitos à saúde, territoriais e humanos no Brasil. **Revista Brasileira Bioética**. (2019) Disponível em< file:///C:/Users/User/Downloads/dalvinabn,+e19+-+Crian%C3%A7as+ind%C3%ADgenas_Defici%C3%AAncia_viola%C3%A7%C3%A3o+direitos_07.06+.....pdf >Acesso em 09-02-2024.

MELIÁ, Bartomeu, GRÜMBERG, Georg; GRÜMBERG, Fridel Von. **Los Paĩ – Tavyterã: Etnografia Guarani Del Paraguai Contemporâneo**. Asunción del Paraguai. Centro de Estudios de la Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", 1976.

MOREIRA, Carlos José de Melo. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: uma análise de três programas federais, para a educação especial, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação do município de São Luís-MA, no período de 2009 a 2012.** 404 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2016.

PAVÃO, Sônia. **Conhecimentos Tradicionais Guarani e kaiowá como fontes de autonomia, sustentabilidade e resistência**. 121f. Dissertação (Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Dourados, 2021. Disponível em < https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/4544/1/SoniaPavao.pdf > Acesso em: 09-01-2024.

PERALTA, Anastácio. **Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani.** 94f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022. Disponível em < https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/5018/1/AnastacioPeralta.pdf Acesso em 05-02-2024.

PIGNATI, Wanderlei Antonio; SOARES, Mariana Rosa; CORRÊA, Marcia Leopoldina Montaranari; LEAO, Luis Henrique da Costa. O caráter pandêmico dos desastres socioambientais e sanitários do agronegócio. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46 2022. Disponível em < https://www.scielo.br/j/sdeb/a/nqdP4jTmchMYQmKcpHChhfS/?format=pdf&lang=pt > Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméia Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 24, São Paulo, 1995. Disponível em < https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt > Acesso em 02/02/2024.

REIS, Luzivan Costa; VIZCARDO, Luis Enrique Murillo; COUTINHO Fernanda Maia; GEHA, Yuri Fadi; SILVA, Wellington Fernando Jr; ARANTE, Tiago; SILVA, Elis Vanessa

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil

de Lima. Consanguinity and genetic diseases in Brazil: an overview. **International Journal of Medical Reviews**. v.10, n.1. mar. 2023. Disponível em < > Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

RODRIGUES, Paula Aparecida do Santos; YAMAZAKI, Regiani Magalhães de Oliveira. Educação Popular em Saúde na Pedagogia Guarani e Kaiowá sob a docência de Ñanderu e Ñandesy. **Areté** - **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**. v.23, 2024 n. Disponível em < https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/3713 > Acesso em 01/12/2024.

SOUZA, Vânia Pereira da Silva. **Crianças indígenas Kaiowá e Guarani: um estudo sobre as representações da deficiência e o acesso às políticas de saúde e educação em aldeias da região da Grande Dourados**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados; 2011.

YAMAZAKI, Regiani Magalhães de Oliveira. **Conhecimentos e práticas interculturais na educação escolar indígena: subsídios para a formação de professores de ciências.** 2018. 247 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, SC, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/238644?show=full> Acesso em 05/01/2024.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 3.0 Brasil